

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufjrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA Associação **FEUT**

HOSPITAL UNIVERSITARIO

Em defesa dos HUs, da autonomia universitária e do SUS

A luta para impedir que a Ebserh assuma o controle dos hospitais universitários continua.

O Sintufjrj foi às ruas e agitou a Cidade Universitária na terça-feira, 11, e na quarta-feira, 12 – Dia Nacional de Luta dos Servidores Públicos Federais. A direção participou de panfletagem e debates, e convocou para o ato público que a UniRio realizou em frente ao Hospital Universitário Grafée e Guinle. Enquanto isso, a UFRJ instalou o Grupo Técnico do Consuni que fará o diagnóstico dos HUs. *Páginas 3, 4 e 5*



Arraiá do Sintufjrj

Será no dia 12 de julho, a partir das 16h, na Praça Jorge Machado (praça da Prefeitura Universitária).

Período de inscrição para montagem de barracas na festa: de 18 a 21 de junho, das 9h às 17h, na sede da entidade.

AÇÃO SINDICAL

Sintufjr faz panfletagem no HU e alerta extraquadro sobre a grande mentira chamada Ebserh

No Dia Nacional de Luta dos Servidores Públicos Federais – 12 de junho – a direção do Sintufjr e apoiadores promoveram panfletagem em frente ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) para alertar os trabalhadores daquela unidade de saúde sobre os perigos da adesão da universidade à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) e também convocá-los para a apresentação, organizada pela Frente de Luta em Defesa dos HUs da UFRJ, da proposta alternativa formulada em conjunto pelo Sintufjr, Adufrj e DCE Mário Prata.

Além do Jornal do Sintufjr com encarte especial esclarecendo todas as dúvidas sobre a Ebserh, os sindicalistas panfletaram um documento dirigido aos extraquadro dos HUs. A maioria desses trabalhadores há

anos, prestam serviços nos HUs da universidade sem qualquer vínculo empregatício, e atualmente sofrem tentativas de manipulação pelos defensores da Ebserh, que, para contar com o apoio deles, mentem dizendo que se a empresa assumir a gestão dos hospitais os problemas trabalhistas deles serão resolvidos.

“O Sindicato está informando bem”, elogiou Maria José da Silva, lotada no CTI do HUCFF. Ela, inclusive, colaborou com a panfletagem e também conversou com colegas de trabalho. A funcionária disse que vai às assembleias e procura se inteirar sobre as iniciativas do movimento sindical na universidade para informar os colegas. A servidora admite que a situação do HUCFF é crítica, mas, em lugar de defender a entrada da Ebserh, quer



MIGUEL, coordenador Rubens Nascimetro Zezé, e o coordenador Francisco Carlos

que “o governo cumpra com a parte dele”, que é destinar mais recursos para os HUs.

Estavam no ato os coordenadores do Sintufjr Alzira Monteiro, Carlos Alberto da Silva, Francisco

Carlos, Gloria Pagano e Rubens de Moraes, e o apoiador Nelson Alves Marinho.

UniRio mobiliza contra a Ebserh

Manifestação e debate, realizados dia 11 pela comunidade universitária da UniRio, contaram com o apoio e a participação da direção e colaboradores do Sintufjr e de outras entidades sindicais

Funcionários, professores e estudantes da UniRio que lutam contra a privatização dos serviços de saúde do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle – referência em tratamento de aids – denunciam a pressão do governo federal para impor a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) à instituição com ato e debate realizado na terça-feira, dia 11 de junho. Dirigentes do Sintufjr, da Adufrj e parlamentares participaram das atividades.

A manifestação foi realizada pelos estudantes pela manhã, em frente ao hospital, quando parte da Rua Mariz e Barros, na Tijuca, foi interditada ao trânsito de veículos. À tarde, os três segmentos organizaram um debate no auditório do hospital universitário.

MEC quer o caos

Há duas semanas, funcionários terceirizados da unidade foram demitidos e enfermarias foram fechadas. Em nota, a direção justificou a medida alegando falta de recursos e afirmando que apenas houve redução do atendimento e não interrupção dos serviços. De acordo com a comunidade acadêmica, o MEC deliberadamente não repassou verba para levar o hospital ao caos.

A luta na UniRio contra a imposição da Ebserh pelo governo está cres-



FRANCISCO de Assis



COORDENADORES e colaboradores do Sintufjr no evento

cendo, assim como ocorreu na UFRJ. A primeira vitória alcançada pela comunidade daquela universidade foi a mesma conquistada pela da UFRJ: o conselho universitário não aprovou a adesão da instituição à Ebserh e, sim, o adiamento da discussão e a criação de uma comissão dos três segmentos para levantar os problemas do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle.

Debate

No debate, que durou três horas, trabalhadores e estudantes da UniRio conheceram o histórico da

luta contra a privatização do serviço de saúde e de criação da Ebserh, assim como também discutiram sobre os riscos de se perder a autonomia universitária ao entregar a gestão do hospital a uma empresa privada. A apresentação foi feita pela diretora da Associação dos Docentes da UniRio, Viviane Nervaes. O coordenador-geral do Sintufjr Francisco de Assis relatou as ações da comunidade universitária da UFRJ contra a Ebserh, avaliando a necessidade de uma luta conjunta das universidades

federais do Rio de Janeiro.

“Promovemos debates e conseguimos o apoio de membros do Conselho Universitário, o que resultou na criação de uma comissão da universidade para apontar soluções para os nossos HUs. Aqui, na UniRio, o resultado também foi positivo. Na UFRJ, a comissão não tem a participação das entidades, mas se for necessário pressionaremos. Precisamos também fazer um trabalho com os trabalhadores terceirizados, que acham que a solução para a precariedade

de sua condição de trabalho é a Ebserh. Reiteramos que é primordial a abertura de concurso público e contratação pelo Regime Jurídico Único. Conseguimos avançar e ganhar tempo, mas nesta luta eu acredito que ações conjuntas das nossas quatro universidades no Rio de Janeiro reforçará a mobilização”, afirmou Francisco de Assis.

O presidente da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos da UniRio, Oscar Gomes da Silva, agradeceu a participação de todos e o apoio das entidades sindicais de docentes e funcionários do Rio de Janeiro às atividades organizadas por eles. Ele reiterou que a comunidade da UniRio prosseguirá resistindo e pressionando para que o projeto da Ebserh não prospere. O sindicalista propôs a realização de um encontro entre as quatro universidades, reitores, Tribunal de Contas, Procuradoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, com convite à imprensa. “Nós sabemos que não existe nada que venha da Ebserh que seja melhor do que a competência e a qualidade existente nas nossas universidades. Nesse encontro vamos falar tudo e desmascarar a farsa Ebserh”, disse Oscar.

Debate no HUCFF discute alternativa autônoma para os HUs

A Frente de Luta em Defesa dos HUs foi ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), no dia 12, discutir com os trabalhadores da unidade uma proposta alternativa para todos os HUs da UFRJ. A reunião ocorreu às 10h30, na sala Umberto Perrota, no 12º andar, e os palestrantes foram os professores Maria Malta, do Instituto de Economia, Roberto Leher, da Faculdade de Educação, e Nelson Souza e Silva, diretor do Instituto do Coração Edson Saad. Eles apresentaram pontos para reflexão e construção de um projeto autônomo.

Roberto Leher apontou que nos HUs, particularmente no HUCFF, o problema mais dramático é o de pessoal. De acordo com dados da PR-4, há nos HUs da UFRJ pouco mais de 1.200 trabalhadores com contratos terceirizados, em atividades-fim e meio. E explicou que são três os argumentos para

justificar a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) como solução.

No primeiro, a possibilidade de realizar concursos de forma ágil e flexível, diferentemente do que é feito pelo Regime Jurídico Único; no segundo, a agilidade na aplicação de recursos; e, no terceiro, o de que não se consegue captar profissionais de muito boa qualidade porque os salários pagos pela universidade são muito baixos, e com a Ebserh haveria a possibilidade de captação de recursos humanos de forma mais agressiva.

De acordo com Leher, o argumento de que a Ebserh permite contratação de forma célere não é verdadeiro, pois todos terão que se submeter a concurso público, uma exigência da legislação. Por outro lado, a contratação por tempo indeterminado, prevista na Ebserh, também pode ocorrer no RJU. Como também não é verdade

que os recursos possam ser movimentados com mais liberdade. “É importante destacar que o nó fundamental da agilidade de recurso decorre de licitações, problema que temos que enfrentar de forma mais ampla. Resolver a particularidade do funcionamento da universidade passa essencialmente por problemas de gestão financeira, mas os recursos necessários para o funcionamento dos hospitais já são objeto hoje de uma política especial, o chamado Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf), que não está vinculado ou condicionado à adesão à Ebserh”, lembrou.

Indicadores precisam ser repensados

Maria Malta explicou que se os hospitais compusessem uma rede, os recursos dos hospitais poderiam dobrar. Como a matriz para dis-

tribuição de recursos do MEC leva em contra indicadores como porte (número de leitos ativos); desempenho (relação funcionários/leito) e integração com o SUS, a atuação em rede ampliaria os recursos de financiamento.

O estudo preparado pela professora demonstrou que, segundo a matriz do MEC, a soma dos recursos recebidos separadamente por cada um dos hospitais universitários poderia aumentar e muito se atuassem em rede (somando 790 leitos): de 5,33% do total de recursos destinados aos hospitais universitários para 8,71%.

Maria Malta apresentou dados específicos do HUCFF, baseada no Rehuf, na PR-4 e no relatório da Ebserh, em particular sobre a situação de pessoal. São 2.301 profissionais do RJU e 752 terceirizados; entre os docentes há 361 médicos e 73 de outras áreas. Há 235 leitos e 13 funcionários por leito; e 2,2

médicos por leito. O Hospital Universitário de São Paulo, por exemplo, que é especializado e do porte do HUCFF, tem 215 leitos e uma relação médico/leito de 2,5.

O estudo, segundo a professora, leva a questionar qual é de fato a questão de pessoal nos HUs. Ela conta que recebeu o relatório da Ebserh e verificou que dos 2.301 funcionários do RJU no HUCFF só permanecerão no hospital 1.899. E questiona: “Portanto, 402 funcionários, que não sabemos quem são, serão dispensados. Isso está escrito no relatório do RJU. Para onde vão? Quem são estes 402? Se a gente pode dispensar funcionários (no HUCFF), por que vai contratar? Então, qual é de fato o problema?”

No relatório da Ebserh para a Maternidade Escola também consta que os funcionários do RJU serão dispensados da unidade: todos os auxiliares de enfermagem e todos da área administrativa.



DEBATE qualificado expõe dados novos sobre os HUs

“É preciso entender o contexto histórico”

Nelson Souza e Silva mencionou o documento do Banco Mundial da década de 90 que diz que países como o Brasil não deveriam ter sistema universal de saúde; deveriam deixar ao capital a alta complexidade, onde está o dinheiro, financiando serviços essenciais para os pobres. O professor critica o fato de que, em vez de se criar uma matriz de financiamento que leve em consideração os hospitais da universidade em rede, estão propondo a fragmentação do sistema.

O professor ironizou que a cláusula que determinava a cessão do patrimônio da UFRJ, em uma recente versão do contrato usa o

termo “colocará à disposição”. “É um acinte à inteligência da universidade. Significa que a universidade alienará, colocará à disposição os hospitais e tudo que tem dentro, inclusive pessoal, para essa empresa pública de direito privado, que ficará com toda a alta complexidade de acordo com o interesse do Banco Mundial. Não teremos nenhuma ingerência nesta empresa”, diz ele.

Sintufrj presente

O coordenador de Comunicação Francisco Carlos, que integrou a gestão do HUCFF entre 1986 e 1989, afirmou: “A

gente conseguiu, naquele período, que o hospital funcionasse bem. É uma questão de gestão e é necessário que os técnicos sejam ouvidos, porque algumas coisas dizem respeito ao fluxo de funcionamento do hospital. Para bons diagnósticos, precisamos dos profissionais que estão dentro do hospital. Ebserh não é um problema administrativo. É prova da incompetência generalizada. É importante tratar da questão gerencial, porque botar dinheiro em casa que não esteja organizada é botar dinheiro fora”.

A coordenadora-geral Alzira Monteiro se dirigiu aos membros

do Conselho Universitário presentes na reunião e comentou sobre a falta de democracia em alguns setores da universidade, e afirmou que os representantes dos colegiados devem respeitar a vontade da comunidade e não impor sua própria opinião.

Para ela, o maior problema dos HUs é manter como intermediário desta discussão alguém que destruiu o HUCFF. “Os conselheiros devem chamar atenção de seus pares sobre a importância de terem sido eleitos para representar seus segmentos”, frisou Alzira.

A coordenadora de Comunica-

ção Gloria Pagano informou que o Sintufrj participou do ato em apoio ao Hospital Graffrée e Guinle: “Fomos levar nossa solidariedade e nos deparamos com usuários e estudantes preocupados com os destinos do hospital e participando do debate”.

Ela sugeriu que os segmentos se unam, no momento em que a Ebserh tenta invadir as instituições, e mostrem à população as consequências que advirão para a saúde pública: “Deveríamos chamar pacientes e familiares que não sabem o que está se passando. Fazer corpo a corpo, apresentar a proposta dos movimentos”.

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA Associação CUT

Quinta-feira, dia 11 de julho: A UFRJ vai parar!

Técnicos-administrativos, professores e estudantes unidos em defesa dos HUs, pela democratização da universidade e por um país com oportunidades para todos.

Não fique em casa. Venha para o ato em frente do HU, às 9h contra a Ebserh e contra as perseguições da direção aos trabalhadores que defendem o pleno funcionamento da unidade hospitalar.

Às 15h, a orientação é ocupar o Centro da Cidade na manifestação inédita organizada pelas centrais sindicais e os movimentos sociais. Concentração na Candelária.



A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUF RJ

www.sintufRJ.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA CUT

Dia Nacional de Luta

HU. No dia 11, a diretoria sindical realizou ato em frente ao HU e ouviu denúncias de trabalhadores relacionadas à má gestão da unidade. A suspeita da categoria é que a direção esteja agindo para facilitar a entrada da Ebserh na UFRJ. **PÁGINAS 4 E 5**

Violência. A manifestação no Centro do Rio de Janeiro, organizada pelas centrais sindicais e pelos movimentos populares, foi descaradamente reprimida pela PM de Sérgio Cabral. **PÁGINA 3**



ASSEMBLEIA GERAL

Quinta-feira, dia 18, às 10h, na subsede do SintufRJ no HU (Cidade Universitária), acatando orientação da Fasubra, a direção sindical convida a categoria para a assembleia geral, que terá como pauta a avaliação da conjuntura e dos atos realizados pelas centrais sindicais no dia 11 de julho e a organização das próximas atividades do Sindicato.

DIA NACIONAL DE LUTA

Sintufjr realiza ato no HU e trabalhadores denunciam perseguições e manobras para justificar adesão à Ebserh

Na quinta-feira, 11 de julho, Dia Nacional de Luta, o Sintufjr realizou manifestação na entrada principal do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, a partir das 9h. “Contra a Ebserh”, “Saúde em perigo”, “Autonomia, sim. Ebserh, não”, eram os dizeres das faixas e cartazes. A direção sindical montou um estande com jornais e panfletos e ofereceu cadeiras para que as pessoas pudessem se informar confortavelmente sobre o que representa a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares para a universidade e para a população e sobre a situação do HU. Um sambinha composto exclusivamente para o protesto por Tonho de Rocha Miranda (veja na página 5) com o parceiro musical Manoel Crispim foi a trilha sonora da manifestação tocada direto do carro de som do Sintufjr. Os dirigentes da entidade se revezaram no microfone expondo as razões da luta de anos em defesa dos hospitais universitários.

“Técnicos-administrativos, professores e estudantes unidos em defesa dos HUs e contra a Ebserh e às perseguições” foi a frase mais repetida junto com a convocação para a passeata das centrais sindicais e dos movimentos populares à tarde, no Centro da Cidade. Os panfletos distribuídos pelos sindicalistas reforçavam a convocação e a denúncia do Sindicato: “Não fique em casa. Venha para o ato contra a Ebserh e contra as perseguições da direção do HU aos trabalhadores que defendem o pleno funcionamento da unidade hospitalar”.

Profissionais reafirmam: “Somos competentes para gerir o HU”

O clima de insegurança e desconfiança em relação à direção do HU impediu que os funcionários da unidade denunciassem publicamente a situação. Mas a maioria dos que conversaram com a direção sindical apontou a má gestão deliberada do HU como a causa principal do péssimo atendimento à população. “Lá dentro as pessoas estão oprimidas, como se estivessem numa redoma de vidro. Aqui fora a gente protesta contra a Ebserh, discute”, constatou o coordenador-geral do Sintufjr Francisco de Assis e, apontando para o prédio do hospital, acrescentou: “Viemos ao HU ouvir o relato dos próprios trabalhadores para sabermos quais são os problemas que enfrentam no momento para podermos agir”.

Uma funcionária comparou o funcionamento atual da unidade hospitalar com o que era tempos atrás e concluiu: “O hospital hoje está caótico”. O que não mudou, segundo a trabalhadora, foi a competência dos profissionais que “driblam os problemas para oferecer atendimento de qualidade aos pacientes”.

Enfática, ela afirmou com convicção: “Ebserh não é a solução. A gente tem competência para administrar o HU”. Conforme análise de vários outros profissionais, a trabalhadora anônima criticou as “entranhas políticas” em vigor na unidade que fazem, por exemplo, com que equipamentos novos e de alta tecnologia permaneçam nas caixas no subsolo da unidade,

embora sejam tão necessários para substituir antigos com os quais os funcionários têm que se desdobrar para prestar um bom atendimento.

“O clima de opressão é real por parte da direção, deixando claro que aqueles que não compartilham com as ideias deles estão fora. E a Ebserh seria a solução para eles, que pretendem se perpetuar no poder. E para isso fazem de tudo para fechar o hospital, para que a empresa entre como sendo a única solução”, declarou um antigo funcionário do HU.

“Soubemos pelo pessoal que foi à reunião na Reitoria que a Administração Central envia verbas para tudo o que foi apontado como problema pela direção do hospital”, disse uma funcionária,

informando que a cifra mencionada foi da casa dos “milhões”. Indignada cobrou: “Está ocorrendo alguma coisa estranha e nós estamos nos sentindo vendidos”. Quando implodiram a perna-seca, disseram que chegaria a verba para o novo prédio. Cadê essa verba?”

Muitos trabalhadores estavam revoltados. “É uma vergonha. O diretor suspendeu todas as cirurgias essa semana porque estava gotejando no Centro Cirúrgico. Mas houve dias em que caiu temporais e as cirurgias foram mantidas. Ele agiu assim agora com o propósito de esvaziar o hospital. Existe um conluio para as coisas não funcionarem para que a Ebserh venha salvar a pátria. Não existe fato novo, a não ser fatos provocados”, denunciou um funcionário.

Fotos: Renan Silva



ATO-protesto no HU reuniu a diretoria do Sintufjr e colaboradores da direção sindical, das 9h às 11h30. Foi a oportunidade que os profissionais do hospital precisavam para expor ao Sindicato as manobras da direção com o objetivo de inviabilizar o pleno funcionamento da unidade, em prejuízo da população e da formação dos estudantes dos cursos na área de saúde da UFRJ. Os usuários do SUS que naquele dia foram ao HU ficaram sabendo que a Ebserh significa privatização da saúde pública e o fim dos hospitais universitários federais. Houve também distribuição de panfletos à população e à categoria

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA Associação CUT

Mobilização é a palavra de ordem contra a Ebserh

Diretor vendido para a Ebserh tenta fechar o HU. Trabalhadores se unem ao Sindicato para garantir o atendimento à população. PÁGINAS 4, 5, 6 E 7



SOS HU

Falta de condições de trabalho e interrupção de serviços mobilizam os trabalhadores

Sintufjr ouve os profissionais e já é consenso a realização de paralisação e auditoria no HU para chamar a atenção da sociedade e apurar para onde estão indo as verbas destinadas à unidade via Rehuf

Desde segunda-feira, 15, a diretoria do Sintufjr realiza reuniões no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho para ouvir os trabalhadores de cada setor sobre a situação atual da unidade e sobre as condições de trabalho. Até o momento, a direção do Sindicato se reuniu com os profissionais dos setores de radiologia, tomografia, ultrassonografia, radiografia, do Centro Cirúrgico e da Central de Esterilização.

A atmosfera carregada que invadiu a mais importante unidade hospitalar de ensino, pesquisa, extensão e de atendimento de alta complexidade do país foi provocada pela direção, que de uma hora para outra mergulhou o HU numa crise, onde falta tudo, para justificar a suspensão de serviços, piorando ainda mais o acesso da população à saúde pública de qualidade.

Os trabalhadores, que no dia a dia enfrentam o caos ao mesmo tempo temem pela sorte dos pacientes, estão se sentindo acuados, pois não podem falar publicamente sobre o que ocorre no hospital devido à pressão da direção. Alguns já denunciam perseguições políticas no mesmo grau da imposta ao

professor Nelson Souza e Silva, por ele, com as entidades sindicais e o DCE, combater veementemente a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh).

Categoria expõe problemas

O coordenador-geral do Sintufjr Francisco de Assis, ao abrir a reunião com os trabalhadores do Centro Cirúrgico, afirmou: “A luz vermelha acendeu no Sindicato com a perseguição política ao professor Nelson Souza e Silva, o fechamento de alguns serviços e a direção transferindo a responsabilidade da atual situação crítica do HU aos trabalhadores. Como se todos não soubessem que tudo não passa de uma manobra para garantir argumento aos que trabalham pela entrada da Ebserh na universidade. A crise de representatividade das entidades está no país inteiro, e por isso estamos aqui para construir com vocês soluções para os problemas. Queremos discutir com vocês condições de trabalho e informar sobre as ações judiciais”.

Médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, maqueiros, anestesistas e os demais profis-

sionais que atendem ao Centro Cirúrgico do HU, localizado no 12º andar, entre efetivos e extraquadro, manifestaram preocupação com a possibilidade de a Ebserh entrar na unidade. Eles, como os trabalhadores dos outros setores ouvidos pela direção do Sintufjr, não entendem por que serviços que até há pouco tempo funcionavam normalmente, apesar da carência de materiais e da precariedade de equipamentos, foram interrompidos pela direção sob a alegação de falta de infraestrutura no hospital.

A conclusão da maioria é que a direção está agindo para transformar a Ebserh em salvadora da pátria. “Querem provar que não temos competência para administrar o hospital e nos responsabilizar pelos problemas que a unidade enfrenta há anos. Mas cadê o dinheiro do Rehuf?”, indaga uma médica. Na avaliação da profissional, “mesmo que a Ebserh trouxesse dinheiro – o que não ocorrerá, porque a empresa não tem recursos próprios e conta com os mesmos repasses hoje enviados aos HUs – não teria condições de levantar o hospital, porque qualquer pessoa será alçada à condição de diretor”.

“Com a Ebserh, o dinheiro virá num bolo pelo Banco Mundial para ser dividido entre os HUs. Mas daqui a 30 anos terá que retornar ao banco, e nós, com o nosso trabalho, é que vamos pagar essa dívida. A primeira coisa que vai acontecer é o RJU acabar. A maioria daqui toma Captopril, pois é, não teremos dinheiro para comprar o remédio”, complementou outra médica.

“Eu li a Lei 12.550, que cria a Ebserh, e lá está escrito que essa empresa vem para derrubar o RJU. Vamos ser obrigados a trabalhar 40 horas semanais, não poderá mais haver desvio de função, o que significa que se voltará à função de origem, nem troca de plantão. Chegou atrasado, volta para casa. Advertências se tornarão uma prática da administração até a demissão por justa causa. Chefe? Pode ser qualquer um”, alertou outro técnico-administrativo.

“Com a Ebserh aqui dentro não haverá aumento de salário, a não ser com mais horas de trabalho. A UFRJ sempre foi vanguardista, brigamos muito pelo que temos e pela universidade, mas é uma vergonha constatar que os mesmos

que brigaram junto comigo estão por trás dessa empresa aqui dentro para se locupletar”, desabafou um enfermeiro.

O coordenador de Comunicação do Sindicato Francisco Carlos, dirigindo-se aos extraquadro, afirmou: “Para o Sintufjr ficou difícil se aproximar de vocês depois que o diretor do HU espalhou que a Ebserh resolveria o problema dos extraquadro. Jamais a entidade seria contra qualquer trabalhador, mas tínhamos que alertá-los sobre essa grande mentira. A legislação não permite contratação para a empresa sem concurso público e na forma igual para todos. Para vocês terem uma ideia, a nossa categoria ainda sofre com a ação civil pública que ameaça 1.500 de demissão. Além de não resolverem a situação irregular dos extraquadro, os defensores da Ebserh quebram o RJU. Na iniciativa privada, dificilmente os trabalhadores podem se reunir como estamos fazendo agora; no regime estatutário, mesmo sob ameaças, como ocorreu na antessala do Raio X (*detalhes na sequência da matéria*), isso é possível”.

Fotos: Renan Silva



PROFISSIONAIS do coração do HU exigem condições para trabalhar e fecham com a proposta de paralisação por um dia e realização de auditoria



Estresse: esse mal virou epidemia entre os trabalhadores do HU

Os trabalhadores do Centro Cirúrgico estão cansados de conviver com a falta de água até para lavar as mãos, ter que comprar materiais baratos para que procedimentos médicos não sejam suspensos e o paciente penalizado, dar jeitinhos para conseguir roupas e garantir a realização da cirurgia marcada, em consideração ao interno que passou um dia no preparo, em jejum e se submeteu a lavagem intestinal.

“A estrutura está danificada, os recursos materiais são precários e o humano está diminuindo. Falta até sabão e álcool para higienizar as mãos, mas nunca paramos por causa disso, sempre trabalhamos com o coração. Mas depois da implosão tudo piorou, e sabemos que veio dinheiro para o hospital. Onde está? Tem chegado equipamentos novos, como mesas cirúrgicas, focos (luz), colchões, aparelhos intensificadores de imagens, que foram pedidos em gestões anteriores. Por que essa não pede também?”, perguntam alguns trabalhadores.

Em virtude dessas condições precárias de trabalho e de conviverem diariamente com o sofrimento alheio e se sentirem impotentes porque nem sempre têm como ajudar, muitos profissionais do HU adoecem, mas continuam trabalhando à base de remédios. “O estresse é grande, e não tem um trabalhador do HU que não sofra desse mal”, disse um médico.

Fotos: Renan Silva



Comissão do Consuni é questionada

Por todas essas razões, pelo menos no Centro Cirúrgico, onde o serviço tem sido mais precarizado pela direção, a comissão formada pelo Conselho Universitário para realizar o diagnóstico dos HUs não é bem-vista. De acordo com os profissionais, “de 60 a 70 cirurgias/dia realizadas até duas gestões atrás, além das emergenciais, atualmente não passam de 22 a 27/dia, isso quando o diretor não manda suspender todas”.

Eles suspeitam que a comissão acabou sendo formada apenas para “ganhar tempo” e que a maioria de seus integrantes fará o que o reitor quer. “Como vão diagnosticar (os especialistas de cada área que compõem a comissão) o HU se não participam do nosso dia a dia? Até hoje ninguém da comissão veio aqui conversar com a gente. Eles precisam saber por que os equipamentos não funcionam e não houve reforma, apenas foi feita obra de maquiagem”, questionaram

técnicos-administrativos com 30 anos de Centro Cirúrgico.

Francisco de Assis explicou que o Sintufjr queria uma comissão formada por trabalhadores dos hospitais universitários, porém não foi possível conseguir aprovar essa proposta. Mesmo assim, se existe a atual comissão, ela é resultado da luta conjunta dos sindicatos (Sintufjr e Adufrj) e dos estudantes, porque a intenção da Reitoria era que o Conselho Universitário aprovasse de qualquer jeito a adesão à Ebserh. “Também não estamos satisfeitos, mas estamos prontos para reagir a qualquer tentativa de golpe da Reitoria”, afirmou o dirigente.

Paralisação e auditoria

Depois de quase três horas de reunião, os trabalhadores do Centro Cirúrgico concluíram que, pela gravidade da situação, era necessário realizar um movimento que chamasse a atenção da sociedade e, paralelamente, fosse exigida a abertura de auditoria para es-

clarecer para onde estão indo as verbas direcionadas ao hospital, como a do Rehuf, e saber por que o novo HU ainda não começou a ser construído, se foi dito na época da implosão da perna-seca que o governo já havia destinado dinheiro à UFRJ para esse fim.

Um dia de paralisação de todo o HU, à exceção dos serviços vitais, foi a proposta de consenso dos trabalhadores presentes à reunião com o Sintufjr como forma de alertar a população sobre o que está ocorrendo com o mais importante hospital universitário do país.

Tarefa do Sintufjr

A direção sindical dará continuidade às reuniões setoriais no HU mobilizando a categoria para parar por um dia e pela realização de auditoria na unidade hospitalar. Como também continuará exigindo da direção que garanta aos profissionais condições de trabalho e respeito a quem procura atendimento no HU.

Extraquadro: Sindicato vai prepará-los para concurso

A diretoria do Sintufjr se pôs à disposição dos trabalhadores extraquadro dos HUs da UFRJ para ajudá-los concretamente a sair da situação em que se encontram: sem nenhum vínculo com a universidade, salário inferior ao pago aos efetivos e sem direitos trabalhistas mínimos respeitados, como férias remuneradas, pagamento de 13º e horas extras, e sem sequer poder adoecer, pois não é aceita a licença médica.

O Sindicato vai oferecer curso preparatório para os extraquadro que desejarem participar dos próximos concursos públicos abertos na UFRJ para preenchimento de vagas nos HUs. Além disso, encontra-se à disposição desses trabalhadores o Departamento Jurídico do Sintufjr para que eles entrem na Justiça e revertam em dinheiro os anos de exploração e humilhação vividos na instituição.

Central de Material Esterelizado no limite mínimo

“Se o autoclave parar, o HU para do subsolo ao 13º andar”, garantem os trabalhadores da Central de Material Esterilizado, setor que também está funcionando graças à dedicação e ao amor dos profissionais ao trabalho e ao hospital.

“Disputamos cadeira ergométrica para sentar e fazer nosso trabalho, compramos com nosso dinheiro elástico para amarrar o material cirúrgico a ser esterilizado. Não tem papel higiênico e sabão nos banheiros”, denunciam os profissionais.

“A gente não quer parar de trabalhar, queremos, sim, é um HU com condições para trabalharmos. Nós ficamos isolados, e só o Sindicato, que é nosso aliado, pode tornar pública nossa situação. Ultimamente somos obrigados a comprar material para continuar trabalhando”, disse uma trabalhadora.

Neste setor, a comissão do Consuni também foi questionada, e, para alguns, a Reitoria já teria assinado com a Ebserh. Uma funcionária, que em outra instituição é professora, afirmou, com conhe-

cimento de causa, que a prova do último concurso público realizado pela UFRJ para os HUs “foi absurda e por isso ninguém passou”.

“Sou professora, tenho 38 anos e há 18 faço concurso público e nunca vi uma prova igual. Será que ninguém está vendo que eles estão armando um circo em favor da Ebserh. Funcionários do hospital estão sendo estimulados a fazer curso de gestão para trabalhar na empresa”, complementou a trabalhadora.

“Vamos nos unir e reagir”

Francisco de Assis acalmou os trabalhadores em relação à Ebserh, informando que por enquanto não passa de boatos que o reitor da UFRJ já teria assinado com a Ebserh, e caso isso venha a ocorrer, sem que o Conselho Universitário se pronuncie, o SintufRJ vai responder ao golpe na universidade mobilizando para uma paralisação da noite para o dia. “Esperamos sinceramente que Carlos Levi não faça isso, conforme ocorreu na federal de Uberaba. O reitor de lá estava de férias, mas foi a Brasília assinar com a Ebserh”, contou Assis.

Mas para vários trabalhadores é possível o reitor da UFRJ agir às escondidas, como seu colega de Uberaba, “para fugir de auditoria, porque é muito dinheiro que entra no HU e some”. Francisco Carlos expôs o que ocorreu com os técnicos-administrativos do HU da universidade federal do Espírito Santo após a adesão à Ebserh. “Quem estava em desvio de função foi posto para trabalhar em qualquer função e todos os trabalhadores do hospital foram obrigados a trabalhar 40 horas semanais”.

11 de agosto é o dia D

Francisco Carlos chamou à mobilização, lembrando que a comissão constituída no Conselho Universitário tem até o dia 11 de agosto para concluir os diagnósticos dos HUs, quando, então, aquele órgão máximo de deliberações da UFRJ se reunirá para decidir sobre a Ebserh. “Talvez o diretor do HU não saiba que falta até papel higiênico nos banheiros, porque ele, assim como o superintendente, é incompetente. O certo mesmo é que estão criando situações para

gerar crises. O que está em jogo é o papel que temos na sociedade, nossa dignidade. Mas, saibam, começou um novo jogo, e quem está com a bola somos nós. Não viemos aqui para tomar café em gabinetes e fingir que somos direção sindical; estamos aqui para organizar a mobilização”, afirmou o sindicalista.

Sobreaviso

Francisco de Assis solicitou que os trabalhadores deixassem de sobreaviso o seu representante para Sindicato entrar em contato quando chegar o momento de mobilização geral na unidade.

Carreira

Os diretores do SintufRJ também distribuíram a tabela salarial com as conquistas da última greve e esclareceram dúvidas sobre racionalização de cargos e ganhos de capacitação. Eles conclamaram os auxiliares de enfermagem a fazerem pressão junto ao Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (Coren-RJ) para que o órgão também defenda, assim como o SintufRJ e a Fasubra, a

fusão dos dois cargos. “Precisamos que os trabalhadores façam pressão nos seus conselhos para que tenhamos êxito, ou, pelo menos, conquistemos a equiparação salarial entre auxiliares e técnicos”, estimulou Francisco de Assis.

Sobre o processo administrativo em que o SintufRJ entrou na Reitoria, explicaram que “tem caráter de pressão”. “O objetivo é fazer com que o reitor pressione o Ministério da Educação para que haja mudança na lei”, acrescentou Francisco Carlos. De acordo com os sindicalistas, atualmente são 365 cargos dentro da carreira dos técnicos-administrativos em educação e a Fasubra quer diminuir ao máximo esse número.

A direção sindical também chamou a atenção dos trabalhadores para o avanço obtido em relação à capacitação. “Temos que nos capacitar, estudar, para aumentar nosso salário. São ganhos que não sairão do contracheque. Agora podemos fazer curso de capacitação de 20 horas que vai valer, orientou Francisco Carlos.

Fotos: Renan Silva



FRANCISCO de Assis, Ana Célia, Francisco Carlos, Nivaldo Holmes, coordenadores do SintufRJ, ouvem os relatos sobre as condições de trabalho no setor



E TAMBÉM esclarecem dúvidas sobre a carreira e estimulam os técnicos-administrativos de todos os níveis a se capacitarem

SOS HUs

“Cadê o HU cinco-estrela?”

Fotos: Renan Silva

Uma técnica de enfermagem que participou da reunião promovida pelo SintufRJ na segunda-feira, dia 15, desabafou: “Há 25 anos o HU era um hospital cinco-estrela. Tudo funcionava. Agora, por conta dessa Ebserh, começam a achar que funcionário público não trabalha e é incompetente. Neste hospital formamos médicos, e todos sempre passaram em concurso. Porque tinham a matéria-prima para estudar, que eram os pacientes. Hoje fecham setores, restringem internações e, por conta disso, o estresse acontece até entre os colegas”.

Coisas estão acontecendo no HU que estão deixando intrigados os profissionais. Como, por exemplo, a Oftalmologia cancelar consultas por falta de colírio. Faltar médico do trabalho para atender os funcionários. Um médico se recusar a atender uma paciente do hospital desde 2002, com 82 anos, e mandá-la procurar a Ouvidoria-Geral da UFRJ.



“A gente prova todos os dias que é competente”, disseram os trabalhadores do Raio X. E nem precisam, pois a prova dessa competência é a folha de atendimento contando com um tomógrafo de seis canais: uma média de 50 pacientes/dia. Enquanto isso, permanece no corredor encaixotado um aparelho com 64 canais por falta de técnico para montá-lo. Mas depois de muita reclamação dos funcionários, a direção acionou a Coppe, que prometeu enviar um engenheiro elétrico

Chefia dá show de arrogância

Em determinando momento da reunião, que estava sendo realizada numa antessala do Raio X, a chefe do setor interrompeu bruscamente a palavra de um dos diretores do SintufRJ cobrando explicações sobre “quem havia autorizado a reunião naquele local, se ninguém pediu autorização a ela?”

Já fazia um bom tempo que os trabalhadores da UFRJ não passavam por esse tipo de constrangimento dentro da sua própria unidade, e tampouco o SintufRJ era questionado por chefias por cumprir o seu papel de defender os interesses da categoria e, principalmente, por realizar reuniões nos locais de trabalho.

No mesmo dia, os diretores do Sindicato foram à direção do HU para saber se o que tinha ocorrido era um fato isolado, ou seja, uma



REUNIÃO incomodou a chefia, mas os trabalhadores não se intimidaram

demonstração de prepotência por parte de uma pessoa sem gabarito para o cargo que ocupa, ou se se tratava de um cumprimento de ordem superior. E ficou o aviso do SintufRJ: “os dirigentes da

entidade continuarão a exercer seu direito de ir e vir a qualquer momento e em qualquer local de trabalho na universidade, isto agrade ou não às chefias ou diretores de unidades”.



DIREÇÃO alega falta de kit de sangue

Emergência do IPPMG quase fechada

Na quarta-feira, dia 17, diretores do SintufRJ foram conversar com os trabalhadores da emergência do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). A situação no setor continua a mesma, informaram os profissionais de plantão. Faltam médicos para o setor voltar a

atender a população plenamente.

De acordo com a pediatra Clarice Barata, dos 33 médicos que atendiam na emergência restam apenas 15, e dois ou três estão de licença médica. De março para cá, oito extraquadro foram embora. “Estamos fechados por falta de gente. E somos a única

emergência pediátrica em hospital universitário funcionando no Rio de Janeiro”, disse a médica.

Além de prejudicar a população, a falta de médicos no setor interfere na formação profissional de residentes médicos da Uni-Rio, do Hospital Federal da Lagoa e do Instituto Fernandes Figuei-

ra. “O currículo exige o estágio supervisionado em emergência pediátrica, mas como vamos dar conta dessa tarefa se somos poucos?”, acrescentou Clarice.

Reivindicação

Os profissionais do IPPMG buscam sensibilizar a Reitoria

para que esta convoque os médicos aprovados no concurso realizado dia 7 de julho para trabalharem na emergência. Segundo Clarice, desse concurso somente dois pediatras foram enviados ao IPPMG, enquanto 27 aprovados aguardam no banco de reserva.

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA CUT

Hora de decisão. Fora Ebserh!

Assembleia-ato quinta-feira, dia 22, às 9h, no hall da Reitoria, e ida ao Conselho Universitário

Fotos: Renan Silva
Ato Consuni em 9/5/2013



Mobilizar para não entregar! Vamos repetir a pressão!



Chegou o momento de a universidade mandar para bem longe a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). O Grupo Técnico para Diagnóstico dos HUs e Estudos de Modelos de Gestão, criado por pressão do Sintufrj, da Adufrj e do DCE Mário Prata, entregará, nessa sessão, o relatório final depois de 60 dias de trabalho. Com base nas informações do GT, esse órgão máximo da UFRJ deliberará a respeito.

De forma alguma permitiremos que a UFRJ abra mão de sua autonomia universitária e entregue a uma empresa privada a administração dos HUs. Lutamos muito pelo que conquistamos, como o RJU, por exemplo, e defenderemos o SUS e a saúde pública, gratuita e de qualidade para todos os brasileiros intransigentemente. Por isso, companheiros, todos à assembleia-ato e ao Consuni!



ATO NO HESFA

Sintufrj faz mobilização de rua contra a Ebserh

A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) visa ao lucro e não é a solução para os problemas dos hospitais universitários. O alerta à população foi dado pelos coordenadores do Sintufrj no ato realizado em frente ao Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (ex-Hesfa), na quinta-feira, 15, pela manhã, como parte das atividades pelo Dia Nacional de Luta em Defesa da Saúde Pública e contra a Ebserh.

“O Estado é obrigado a garantir o acesso de todos os cidadãos a tratamento de saúde. Mas o maior absurdo é o governo querer que os hospitais universitários sejam administrados por uma empresa que visa ao lucro”, dizia o panfleto entregue à população pelos dirigentes do Sintufrj, que também apontava o Hesfa como exemplo do descaso do governo para com aqueles que precisam recorrer aos hospitais públicos e da formação de profissionais para a área da saúde, e reivindicava: “Queremos o Hesfa no padrão Fifa”.



Fotos: Renna Silva

COORDENADORES entregam panfletos explicativos da luta à população

Participaram do ato os coordenadores-gerais Alzira Monteiro e Celso Procópio, os coordenadores de Comunicação Carmen Lucia e Francisco Carlos, o coordenador de Esporte e Lazer Jorge Pierre, a coordenadora de Aposentados e Pensionistas Maria Passeroni, o coordenador de Administração e Finanças Nivaldo Holmes e o técnico-administrativo do campus UFRJ-Macaé Luiz Alberto Diniz.

Eles abordaram trabalhadores e pacientes do Hesfa e a populares, expondo as ameaças em curso contra o Hesfa e os demais hospitais universitários. Em seguida, estenderam uma enorme faixa do Sindicato com palavras de protesto contra a Ebserh no cruzamento das ruas Afonso Cavalcanti e Carmo Neto, na Cidade Nova. Quando o sinal de trânsito fechava, os dirigentes sindicais se misturavam aos carros parados e entregavam panfletos aos motoristas explicando, os motivos do ato.

Por um hospital público, gratuito e de qualidade

“Amo isso aqui” — Luiza Maria dos Santos Ferreira, 63 anos, frequenta o Hesfa há mais de 20 anos e diz que a relação com a unidade é até mais antiga, porque sua mãe já a frequentava. Ela relacionou alguns dos serviços que utiliza: “Me trato com cardiologista e ginecologista. Tive câncer de útero e foi descoberto aqui”. A usuária do Hesfa se indigna quando ouve falar na hipótese de privatização: “O quê? Eu amo isso aqui. Está certo que antigamente era melhor, com mais médicos e especialidades, mas não pode privatizar. Eu prefiro aqui a um plano de saúde. Aliás, faço tudo pelo SUS, como a cirurgia no Moncorvo Filho. Eu amo esse hospital. Moro na Pavuna e venho de metrô”, disse Luiza Maria.



solução seria mais verbas para o hospital. Na sua avaliação, “está todo mundo cansado dos governantes, dos dirigentes que na hora de resolver os problemas jogam para os outros. Tá na hora do povo ir para as ruas mesmo”, afirma.

Pouca ação — Marcio Almeida de Figueiredo, 51 anos, trabalha há 25 no Hesfa. É auxiliar de administração do Arquivo. Ele aponta algumas deficiências que os trabalhadores enfrentam, como a falta de banheiros e a dificuldade de se movimentar em meio à poeira das obras, e questiona: “Por que tanta dificuldade para fazerem as reformas?” Mas tem certeza de que privatizar está longe de ser a solução. “Onde houve privatização não se resolveu nada. As pessoas que mandam têm que ter mais ação. Falam muito. Bonito. Mas agem pouco”, diz, apontando que a



se resume a uma reforma estrutural, mas em ter profissionais habilitados, como os que hoje existem, “pessoas que têm vivência no SUS. Não basta botar uma empresa e acreditar que vai ficar tudo perfeito”. E garante: “Se a empresa se instalar aqui, procuro outra unidade para trabalhar, porque, como funcionário público há 25 anos na UFRJ, não vou me sujeitar a ser administrado por uma empresa particular”.

Empresa, não — Marcelo Capote, 46 anos, está há 25 anos na UFRJ e há um ano e meio na área administrativa do Laboratório de Análises Clínicas do Hesfa. Ele elogia o fato de o hospital estar conseguindo aos poucos superar as dificuldades, mas não gosta nem um pouco da ideia de “meterem uma empresa aqui”. Para ele, o hospital se erguer não



pare por aqui, que seja recuperado e a população continue a ser bem atendida. Não concordo com a Ebserh. A Reitoria tem que manter a unidade. O que falta são mais funcionários capacitados”, avalia ele.

Esperança — Claudio Marcos Ribeiro, 50 anos, em 25 de Hesfa já coordenou o setor de Compras e hoje está no Protocolo. “A gente fica feliz porque depois de anos começa a ver que o hospital está sendo melhorado. E a esperança é que não

União — Verônica Rodrigues dos Santos está no Hesfa desde 1988 e é vice-coordenadora da Unidade de Reabilitação. Ela é enfática: “O Hesfa é uma instituição pública e como tal deve continuar para atender a todos, especialmente os mais carentes, que necessitam de um serviço de qualidade, público e gratuito. Nada de Ebserh”. Ela avalia que, com todas as dificuldades, a instituição se mantém com qualidade e com ótimos profissionais, e sempre unidos.



Não é bem-vinda — Vanda Seabra Pereira Pinto está há 20 anos na UFRJ, oito dos quais no Hesfa. Psicóloga, é coordenadora da Unidade da Terceira Idade e garante: “A privatização para nós não é bem-vinda.

Tratamos aqui de idosos que não têm plano de saúde. Temos o Programa de Atenção a Pessoas da Terceira Idade, e essa população é carente. A privatização não vai resolver os problemas da saúde. Para nós, não é bem-vinda. O hospital tem que ser mantido com recursos federais e com concursos públicos”.



FORA EBSERH!**Mais uma vitória da comunidade universitária**

Consuni inicia discussão sobre alternativas de gestão para os HUs

Foto: Renan Silva

A luta em defesa dos hospitais universitários continua na quinta-feira, dia 29, no Conselho Universitário (Consuni), quando o colegiado começará a deliberar sobre qual modelo de gestão a UFRJ adotará para as suas unidades de saúde.

Além da proposta da Reitoria de adesão à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebsersh), entrarão em discussão a proposta Modelo de Gestão para o Fortalecimento dos Hospitais Universitários, elaborada pelos docentes, técnicos-administrativos e estudantes, e o Projeto HUs, da Fasubra, que foi entregue pelo diretor da Federação, Francisco de Assis, ao Consuni na sessão de quinta-feira, dia 22, após ter sido protocolado na Reitoria.

A pauta única dessa sessão do colegiado era “Modelos de Gestão para os Hospitais Universitários”, quando também estava prevista a entrega oficial do relatório final do Grupo Técnico criado por decisão do Consuni para produzir diagnósticos dos HUs, cujos resultados iriam embasar a decisão dos conselheiros sobre a entrega ou não das unidades de saúde da universidade à Ebsersh.

Os relatórios das subcomissões que compõem o Grupo Técnico foram enviados aos por e-mails aos conselheiros na tarde do dia anterior à sessão do Consuni.

Sessão agitada

Com faixas e cartazes, dezenas de estudantes, técnicos-administrativos e professores ocuparam a sala de reuniões do Consuni e o salão anexo. Também estavam presentes trabalhadores e alunos da UFF, Uerj e Uni-Rio, que também ocupavam a sala do conselho e o salão do segundo andar.

Palavras de ordem que sintetizavam o sentimento comum pontuavam as falas e avaliações dos conselheiros, como estas: “Autonomia, não abro mão, Ebsersh é privatização!”, “A nossa luta é todo dia. Minha saúde não é mercadoria!” e “Investimento e verba já. A solução não é privatizar!” Banners e cartazes produzidos pelo Sintufjr e dispostos por todo o andar reivindicavam HUs no “padrão Fifa”.

O reitor abriu a sessão propondo uma moção de reconhecimento aos integrantes do Grupo Técnico pelo trabalho de levantamento das condições dos HUs feito em tão pouco tem-



ENTREGUISTAS do que é público não conseguem subverter a ordem democrática na UFRJ e Consuni vai discutir propostas de gestão para os HUs das entidades sindicais e DCE e o Projeto HUs da Fasubra elaborado pela categoria nacionalmente

po, cujo resultado seria em seguida apresentado. A comissão de representantes das comissões permanentes do Consuni, denominada Comissão de Acompanhamento, apresentou documento com um breve esclarecimento e um resumo dos relatórios de parte das subcomissões do Grupo Técnico, que foi constituído pelo Consuni do dia 23 de maio para fazer, em 60 dias a contar da publicação da portaria, em 11 de junho, o diagnóstico dos hospitais universitários e um estudo dos modelos de gestão.

Debate

O conselheiro Roberto Leher se manifestou defendendo que fosse incluída nas discussões a proposta alternativa de modelo de gestão para os HUs entregue ao Consuni pelas entidades sindicais Sintufjr e Adufrj e pelo DCE Mário Prata. Ele também cobrou informações sobre a sindicância no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, que foi pedida pelas entidades após divulgação do relatório do Tribunal de Contas da União apontando irregularidades administrativas na unidade hospitalar.

O reitor Carlos Levi informou que a demanda foi enviada ao Centro de Ciências da Saúde (CCS), uma vez que o HU é vinculado ao centro. “A gente vai ter os desdobramentos que o Centro entender

necessários”, concluiu Levi.

Marcelo Corrêa e Castro, decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), apontou que era o momento de retomar a discussão sobre o Complexo Hospitalar. A representante da Associação de Pós-Graduandos (APG), Juliana Caetano, criticou os relatórios apresentados pelo Grupo Técnico e solicitou a entrega dos anexos mencionados no documento final. Ela lembrou aos presentes a responsabilidade política da decisão que iria ser tomada pela maior universidade federal do país.

A conselheira Diana Maul, representante dos professores e dos docentes associados do CCS, que se revezou na presidência da Comissão de Acompanhamento com o decano do CT, Walter Suemitsu, lembrou que os relatórios haviam acabado de chegar às mãos dos conselheiros e que a questão deveria ser pautada com tempo para que se inteirassem do teor dos documentos. Elizabeth Vasconcelos, diretora do Andes-SN, reiterou a defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade e o repúdio à Ebsersh, “que tratará a saúde nos marcos do mercado”. A representante da Adufrj, Luciana Boiteax, apontou a necessidade de se aprofundar discussão no colegiado sobre a gestão dos HUs, pois a proposta alternativa das entidades nem sequer havia sido analisada. “Temos um

longo caminho a trilhar. Os relatórios são a fase inicial”, frisou.

Projeto HUs da Fasubra

Francisco de Assis, coordenador do Sintufjr e diretor da Fasubra, disse que, com o intuito de fortalecer a luta conjunta protagonizada pelo Sintufjr, Adufrj e DCE Mário Prata em defesa da universidade, oficializava naquele momento a entrega ao Consuni do Projeto HUs da Fasubra, que fora construído nacionalmente pela categoria antes da edição da MP 520, que deu origem ao projeto de lei da Ebsersh.

“Apresentamos esse projeto para fortalecer o que foi construído entre as três entidades”, afirmou o dirigente sindical. Ele explicou que a proposta abrangia os hospitais universitários em nível nacional e postulava a manutenção dos HUs vinculados às universidades e sustentados não apenas com recursos do MEC, mas também dos Ministérios da Ciência e Tecnologia e da Saúde. “Esse projeto já foi apresentado ao Congresso Nacional e estamos oficializando a sua entrega neste Consuni”, finalizou.

“A categoria afirma que não entende a Ebsersh como modelo que possa resolver a crise dos HUs, por isso reiteramos nosso compromisso de resolver os problemas dessas unidades com propostas internas”,

complementou Francisco Carlos, coordenador de Comunicação do Sintufjr, acrescentando que “a Ebsersh já provou que não deu certo” e que o Sindicato está unido à Adufrj, DCE e Fasubra em busca de soluções que contemplem a universidade.

“Parece que nossa universidade aceita tudo que vem de cima”, apontou André Agostini, representante da APG, argumentando que, justamente quando, no país, milhares de pessoas vão para as ruas e obriga o governo a atender as suas reivindicações, na UFRJ alguns recuam com uma submissão irrestrita ao MEC.

Carolina Barreto, representante do DCE, apontou os avanços no colegiado como a formação da comissão, mas ponderou que alguns relatórios centraram-se na análise da Ebsersh. Para a estudante, o colegiado não deve partir da premissa de que a empresa é a única solução: “Temos que trabalhar para fortalecer o complexo hospitalar”, defendeu.

Fátima Silianski, em nome da Frente Nacional contra a Privatização da Saúde, lembrou que o processo de discussão instalado na UFRJ tem importância nacional e que o povo nas ruas tem na saúde uma das reivindicações centrais pelo fato de que o sistema público está cada vez mais ameaçado.

EM DEFESA DA AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

Dia 29: Fasubra apresentará no Consuni o Projeto HUs

Mobilização dos trabalhadores e estudantes empurra para longe da UFRJ a proposta privatista

Só depois de iniciado os debates é que o reitor Carlos Levi explicou que, naquela sessão, os conselheiros somente tomariam conhecimento dos relatórios e recomendações do Grupo Técnico (e de suas respectivas subcomissões), para, numa nova sessão, deliberar sobre as propostas apresentadas. Em seguida, Walter Suemitsu apresentou um resumo e recomendações do Grupo Técnico.

Foram apresentados os relatórios dos subgrupos de Finanças e Gestão, Direito Administrativo, Tecnologia da Saúde, Ouvidoria, Necessidades das Unidades Acadêmicas dos Hospitais. Ficaram de fora dois relatórios: um da área de Gestão de Pessoal/Direito Trabalhista, porque o pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, pediu sua retirada por não terem sido incorporadas as considerações de dois integrantes, Jorge Azevedo Freire e Maria Tereza Ramos, que, segundo ele, representaria uma mudança substancial de conteúdo. Foi informado que o relatório completo seria enviado em seguida aos conselheiros. O outro foi o relatório de Administração Hospitalar, que ficou de ser enviado depois, porque aguardava as considerações de outro integrante.

Não houve relatórios dos subgrupos de Planejamento em Saúde e Direito Constitucional.

Conclusões confusas e equivocadas

O GT de Finanças e Gestão, por exemplo, expôs que “a única alternativa proposta pelo Governo Federal para a solução desses problemas (de crise de gestão dos HUs) é a contratação da Ebserh para assumir a gestão dos HUs. Sendo assim, apresentamos nossas sugestões para a adequação da minuta do contrato”. E grupo recomenda: “O plano de reestruturação dos HUs deve explicitar o conjunto de servidores RJU que serão colocados à disposição da Reitoria para que ela possa adotar medidas que permitam a realocação desses servidores em outras unidades da UFRJ”. E ainda: “Este contrato deve conter em anexo o regime disciplinar que será dotado tanto para a CLT quanto para os servidores RJU lotados nos HUs”. O relatório diz que o contrato proposto contém riscos e que devem ser ado-



Fotos: Renan Silva

TRABALHADORES e estudantes voltam a ocupar Consuni e a impor a discussão



CARTAZES e faixas reproduzem as palavras de ordem contra a Ebserh



SESSÃO foi assistida no telão por quem não conseguiu entrar na sala do Consuni

tadas cláusulas que protejam a UFRJ de efeitos danosos para seus hospitais decorrentes da gestão realizada pela Ebserh.

Mais discussão

Depois da apresentação do resumo do relatório do GT, mais uma rodada de debates se instalou. Carlos Levi se comprometeu a garantir aos conselheiros todos os subsídios e informações necessárias para que possam deliberar sobre a matéria na próxima sessão.

A representante da categoria no Consuni, Neuza Luzia, ponderou que havia um erro de origem: os grupos técnicos deveriam levantar um diagnóstico dos hospitais com propostas de modelo de gestão e o que foi apresentado, em grande parte, dizia respeito a como melhorar o contrato da Ebserh. “Não foi isso que esse Conselho deliberou”, frisou ela, propondo a criação de um calendário para apresentação das propostas: “Para que não só o Conselho, mas também a comunidade, possa conhecer as alternativas de modelo de gestão”.

“Precisamos, sim, conhecer e discutir o relatório final para aí discutir modelos de gestão. E é preciso que eles sejam apresentados”, reforçou Marcelo Corrêa e Castro, lembrando que a universidade tem atravessado inúmeros momentos críticos ao longo da história, como ditaduras e golpes, “mas que a gente está aí, formando médicos, farmacêuticos, enfermeiros”. E terminou indagando: “É com a Ebserh que a gente vai resolver nosso problema?” Um sonoro “não” foi a resposta dada pelo público presente, e os estudantes puxaram mais uma palavra de ordem: “Levi, olha o que a gente quer: investir no HU e esquecer a Ebserh!”.

Dia 29: apresentação das propostas

O reitor propôs, e foi aceito, que na quinta-feira, dia 29, houvesse a apresentação das três propostas e, na sessão seguinte, fosse apresentado o parecer das comissões permanentes do Consuni (Legislação e Normas, Ensino e Títulos e Desenvolvimento). Representantes da Fasubra estarão presentes para expôr o Projeto HUs da entidade.

Gestão hospitalar: decisão na 5ª-feira

Reitor tem pressa e promete convocar sessão extraordinária para decidir sobre a Ebserh

Foto: Renan Silva

A próxima sessão do Consuni, que, segundo o reitor Carlos Levi, será convocada extraordinariamente para quinta-feira, dia 5, poderá decidir sobre o modelo de gestão que a UFRJ adotará para os hospitais universitários.

Embora a maioria dos integrantes da comunidade universitária tenha se manifestado contra a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), um pequeno grupo – que inclui o reitor e parte do seu staff – defende a entrega dos hospitais para essa empresa.

Modelos em debate

A sessão do Conselho Universitário do dia 29 apenas iniciou a discussão sobre os modelos de gestão, depois da apresentação de três propostas: a da Reitoria, de entrega dos hospitais à Ebserh; a das entidades Sintufjr, Adufrj e DCE Mário Prata (Proposta de Modelo de Gestão para o Fortalecimento dos Hospitais Universitários, que inclui a defesa do Complexo Hospitalar) e a da Fasubra, de manutenção dos hospitais vinculados às universidades.

Os representantes das propostas tiveram 25 minutos para expor cada uma delas, e em seguida começou o breve debate. O reitor recomendou que os expositores traduzissem o conteúdo das propostas de forma ampla e clara, pois a sessão extraordinária que convocaria para tratar do assunto seria deliberativa. Por essa razão as comissões do Consuni (Ensino e Títulos, Desenvolvimento e Legislação e Normas) deveriam formular pareceres sobre as propostas para o colegiado deliberar nessa reunião.

Alguns conselheiros ponderaram que seria preciso mais tempo para as comissões analisarem as propostas, além dos relatórios apresentados pelo Grupo Técnico de Diagnóstico sobre a situação dos hospitais. Mas a sessão terminou sem que os alertas dos conselheiros fossem considerados.

Confronto de propostas

“Estudante, qual é sua missão? É barrar a Ebserh e a privatização!”, repetiam os estudantes que ocuparam a sala do colegiado, que mais uma vez teve as paredes cobertas por faixas e cartazes alertando que a “Ebserh é privatização!”

O diretor da Faculdade de Medicina, Roberto Medronho, defendeu a proposta de entrega dos hospitais. “Gostemos ou não, vamos ter que lidar com a Ebserh daqui para a frente”, disse. Segundo ele, é absur-



REPRESENTANTES da Fasubra: Fátima Reis, Paulo Henrique e Sônia Baldez

do dizer que a Ebserh é privatização, pois o atendimento será 100% SUS e que a empresa não visa lucro. Disse que 33 hospitais universitários já estão em processo de adesão e que o pessoal do quadro continuaria com seus direitos assegurados.

O diretor tentou convencer apresentando números sobre o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho: os atuais 207 leitos passariam para 516; seriam 38 mil consultas por mês e 668 mil ao final do ano – “consultas que não estariam sendo realizadas sem a Ebserh”. A Emergência hoje fechada passaria a fazer dois mil atendimentos mensais, ou 24 mil ao ano, com impacto social no ensino e na pesquisa; haveria concurso público e o diretor seria indicado pelo reitor, mas depois do processo de consulta.

Segundo ele, o colegiado deve aprovar a Ebserh, não apenas pelas graves consequências que advirão caso contrário, mas porque “avancaremos e teremos um nível muito melhor”.

CH amplia orçamento

O conselheiro, representante do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Roberto Leher, dividiu com o diretor do Instituto do Coração Edson Saad, Nelson Souza e Silva, a defesa da proposta das entidades.

Leher explicou que o Complexo Hospitalar é algo que já existe na UFRJ, como unidade orçamentária. “Não como realidade, mas como consenso que unifica a UFRJ em

cujo estatuto já está previsto. Portanto, tem a força de uma legalidade que não está sob penumbra no Supremo (STF), como a empresa hospitalar”, afirmou.

Nelson lembrou que a criação do Complexo Hospitalar foi aprovada pelo Conselho Universitário. E explicou que o modelo de gestão seria o de composição dos conselhos – acadêmicos, de administração, deliberativo –, onde todas as unidades acadêmicas participam. E informou que inclusive já havia sido formulado o regimento interno, mas o processo de viabilização do CH havia sido interrompido pela Administração Central. Mas frisou “que já existe uma unidade orçamentária própria para os HUs na UFRJ”.

De acordo com Leher, o conceito de complexo muda, inclusive, a ordem de grandeza de recursos: a UFRJ, com seus nove hospitais unidos em um complexo, torna-se do mesmo porte do hospital da Unifesp (“para onde vai enorme quantidade de recursos”). Se considerados isoladamente, os hospitais recebem quase a metade do valor enviado ao Hospital São Paulo, por exemplo. Mas, se unidos como Complexo Hospitalar, aumenta o número de leitos em todas as esferas de formação – desde a atenção primária até a alta complexidade –, e a UFRJ saltaria (na matriz de distribuição de recursos aos hospitais) dos seus 7.718 pontos para 13.035, o que poderia significar um crescimento de recursos da ordem de milhões.

Fasubra defende princípios

Os representantes da Fasubra Paulo Henrique, Sônia Baldez e Fátima Reis apresentaram a proposta da Federação. Paulo Henrique lembrou o papel fundamental da UFRJ neste processo e que a proposta aponta elementos como a responsabilidade institucional com a sociedade. “Se iludem os que acham que com Ebserh a instituição terá autonomia”, disse ele, apontando as limitações que o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão imporá, inclusive em questões da carreira e na definição de quantitativos como a relação de profissionais de saúde e pacientes.

A seu ver, a Ebserh pode vir a prestar serviços acadêmicos também. “Pode parecer ridículo, mas abre-se a porteira e esta universidade é fundamental neste processo”. Por isso se compreende a pressão que foi feita sobre os gestores para que cedam e abram mão de toda a história que a universidade já construiu.

Sônia Baldez contou que na universidade onde trabalha, no Maranhão, a decisão foi tomada numa reunião fechada, sem discussão com a comunidade. Disse que o projeto da Fasubra foi elaborado com a discussão acumulada em anos e aborda não apenas os hospitais das universidades, mas a saúde pública, aliando o debate sobre a instituição como suporte ao ensino, pesquisa e extensão. Ao contrário da Ebserh, que não terá compromisso com a geração de conhecimento.

“Pensamos no Complexo Hos-

pitalar da UFRJ com capacidade de controlar o funcionamento, o gerenciamento e a aplicação de recursos, controle exercido por conselhos de gestores que se pautariam numa organização com a participação de todos os segmentos”, disse ela.

Fátima Reis lembrou que os hospitais não são locais apenas de prestação de serviços de saúde, antes, e acima de tudo, é onde se pratica ensino, pesquisa e extensão através da assistência. Ela disse que se deve considerar o cuidado com o fato de que a empresa tem, por lei, o mesmo status que uma autarquia, portanto, com o mesmo grau de hierarquia da universidade. “Não tem como dizer que a universidade vai atuar na Ebserh”.

Críticas

O representante dos estudantes, Julio Anselmo, criticou a exposição de Medronho, que defendeu que, com a Ebserh, tudo vai melhorar milagrosamente, apresentando estatísticas atuais e futuras com a adoção da empresa: “Só não se explica o que acontece entre as duas colunas (antes e depois). É um salto de qualidade mágico. De promessas estamos saturados”.

“Qual a mágica que Ebserh vai fazer para, com o mesmo dinheiro, aumentar leitos contratados? Medronho diz que estão garantidas as posições dos funcionários, mas todo mundo sabe do pedido de afastamento de 400 profissionais do RJU.”, disse a representante dos pós-graduandos Juliana Caetano.

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

FASUBRA CUT

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ



Todos ao Conselho Universitário!

Na quinta-feira, dia 26, a sessão do Conselho Universitário (órgão máximo de decisão da UFRJ) será no auditório do CT, no Fundão, para que a comunidade universitária (técnicos-administrativos, professores e estudantes) participe com conforto do debate das três propostas de gestão para os HUs da universidade.

Até agora, a força da nossa mobilização conseguiu impedir que os defensores da Ebserh, sob a liderança do reitor Carlos Levi, nos empurrasse goela abaixo essa empresa. Superamos os golpes, manobras e fizemos valer nosso direito de discutir, e se não podemos decidir, ao menos podemos influir em favor da universidade.

Está em jogo o Sistema Único de Saúde (SUS), a existência dos HUs como instituições públicas vitais ao atendimento de alta complexidade, ao ensino e à pesquisa. O que o Conselho Universitário vai decidir é se a UFRJ deve continuar autônoma, democrática e a serviço da sociedade. *Páginas 3, 4 e 5*

Assembleia sexta-feira, dia 20, às 10h

Local: subsede sindical no HU.

Pauta: eleição de delegados para o Encontro Regional da Fasubra.

Mobilização derrota a Ebserh no IPPMG

Trabalhadores reagem à chantagem da empresa, com o apoio do MEC, e impedem a implantação do ponto eletrônico para 100% do efetivo do hospital. Mas a luta contra a Ebserh continua na UFRJ

Na assembleia comunitária convocada pela direção do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) realizada na terça-feira, dia 10, no salão nobre, os trabalhadores da unidade souberam que a imposição do ponto eletrônico para todos como condição para o pagamento dos adicionais de plantão hospitalar (APHs) foi formulada por dois integrantes da Diretoria de Gestão de Pessoas da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), em Brasília: Jeane Michel e Marco Avelino.

O diretor do IPPMG, Edimilson Migowski, informou que ao questionar o MEC, “na pessoa de Marcos Avelino e Jeane”, sobre o motivo de somente o instituto – entre as unidades de saúde da UFRJ, como o HU e a Maternidade-Escola – ter sido punido com o corte do pagamento dos plantões, eles responderam que “nós não tínhamos colocado o ponto eletrônico”.

Segundo o diretor, diante da obrigatoriedade, por parte do MEC e do Ministério do Planejamento, de implantação do ponto eletrônico para 100% dos trabalhadores do IPPMG, as pessoas que fizeram plantões em julho e agosto não receberam o APH e não havia garantia de receberem em setembro. Mesmo assim, a enfermagem, de forma voluntária, se prontificara a fazer o plantão até 12 de setembro.

Não ao ponto eletrônico

Com base no exposto pelo MEC, o Conselho Diretor do IPPMG decidiu pela implantação do ponto eletrônico para todos. O reitor foi posto a par do que estava acontecendo, inclusive sobre os prejuízos ao funcionamento pleno da unidade se a enfermagem, por exemplo, deixasse de fazer os plantões hospitalares.

Mas um dia antes da assembleia comunitária, na reunião com o reitor Carlos Levi e com o pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, o diretor Migowski e o vice-diretor Bruno Leite foram informados de que não havia necessidade de ponto eletrônico. E mais: a Reitoria aumentaria o número de concursos destinados à unidade. A posição da Reitoria foi rece-



Fotos: Renan Silva 4/9/2013

PROFISSIONAIS lotam o salão nobre na primeira reunião que discutiu a medida Ebserh/MEC



EDIMILSON Migowski, Bruno Leite, Francisco Carlos, Fátima Silianski e Nivaldo Holmes

bida com alívio e alegria pelos trabalhadores da unidade presentes no salão nobre.

“O mesmo Marco Avelino, que falou que não ia pagar por telefone para mim, porque a gente não tinha colocado o ponto para 100% do efetivo, mandou um documento (à Reitoria) dizendo que, a exemplo do que vinha ocorrendo até então, se nós colocássemos o ponto eletrônico para quem faz APH ia ser como antes”, relatou Edimilson Migowski. Segundo o diretor, o reitor garantiu o pagamento dos adicionais de julho, agosto e setembro.

No informe sobre a reunião com Levi e Gambine, Migowski acrescentou que Marco Avelino havia dito no documento enviado à Reitoria que o IPPMG não teria comunicado ao MEC a existência dos adicionais. Ele disse que essa afirmação era uma inverdade.

Mais pessoal

De acordo com Migowski, a Reitoria prometeu enviar ao IPPMG um anestesista e dois nutricionistas, além de ampliar as vagas no concurso realizado recentemente para enfermeiros, técnicos de enfermagem e médicos para a Terapia Intensiva e a Emergência. Ele disse, ainda, que Roberto Gambine garantiu destinar ao hospital o primeiro médico nomeado, e a previsão é que isso ocorra entre os dias 1º e 2 de outubro.

O pró-reitor teria se comprometido, também, a mais que dobrar o número de vagas para médicos no IPPMG. Na Emergência, por exemplo, aumentaria de duas para cinco vagas, e na Terapia Intensiva, de sete para 14. O mesmo se daria em relação a técnicos de enfermagem e enfermeiros.

Pressão sindical

Fátima Silianski, da Adufrj,

disse que na hora em que a UFRJ assinar o contrato com a Ebserh, não haverá gestão participativa e muito menos se perguntará aos trabalhadores sobre o que pensam sobre o serviço. Ela elogiou a proposta da Fasubra para os HUs no que se refere à participação democrática.

O coordenador de Comunicação do Sintufjr, Francisco Carlos, comemorou a suspensão do corte do APH e aproveitou para lembrar aos trabalhadores do IPPMG que é fundamental que eles se organizem para lutar contra a Ebserh, e os conclamou a estar presentes à sessão do Conselho Universitário de quinta-feira, dia 12, para que o reitor não dê nenhum golpe contra a Universidade.

“A Ebserh não nos serve. O objetivo aqui é resolver essa questão, inclusive tirar da cabeça da

gente a ameaça do ponto eletrônico implantado em toda a universidade. Não vamos aceitar de nenhum diretor ou do reitor a retirada de direitos dos trabalhadores. Não negociamos direitos. Não negociamos a Ebserh. Por isso convocamos todos ao Consumi para barrar esse projeto nefasto de empresa”, afirmou o dirigente sindical.

Francisco Carlos informou à categoria que o Sintufjr acompanhou a reunião do IPPMG e da bancada dos técnicos-administrativos no Conselho Universitário com o reitor e o pró-reitor de Pessoal, e considerou importante os encaminhamentos adotados pela Reitoria.

O coordenador de Administração e Finanças do Sintufjr, Nivaldo Holmes, também estava presente à assembleia comunitária.

SOS HUs

Consuni será no CT

Não haverá cerceamento à participação da comunidade universitária na próxima sessão do Conselho Universitário (Consuni), prevista para o dia 26 de setembro, que retomará o debate sobre a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Pelo contrário, o espaço foi ampliado para garantir a participação de todos os interessados e evitar conflitos. O local indicado é o auditório do Centro de Tecnologia (CT).

Esse foi o resultado do debate em torno do único ponto de pauta da sessão de quinta-feira, dia 12, que discutiu as condições de realização das sessões do Conselho Universitário. A Reitoria retirou de pauta o debate sobre a Ebserh com a justificativa de discutir os problemas ocorridos no Consuni de 5 de setembro, mas desta vez o reitor Carlos Levi atendeu aos apelos a favor da democracia feitos pelos representantes das entidades sindicais, do DCE Mário Prata e de vários conselheiros, diante das tentativas de alguns conselheiros de restringir a participação no debate sobre a Ebserh.

Na sessão de 26 de setembro estarão em pauta os pareceres das três comissões do Consuni (Ensino e Títulos, Legislação e Normas e Desenvolvimento) sobre as três propostas apresentadas: da Reitoria; das entidades sindicais Sintufjr e Adufrj e do DCE Mário Prata; e a da Fasubra. Também deverá ser discutida a indicação de realização de sessão especial para deliberar sobre a Ebserh – que exige a presença de 2/3 dos conselheiros – proposta no parecer da Comissão de Legislação e Normas.

Manifestações das entidades

Censura – Apesar de o Consuni sempre abrir espaço para manifestações, principalmente de representantes de movimentos e das entidades representativas da comunidade universitária – uma tradição democrática da universidade –, o vice-diretor do Instituto de Psiquiatria, Márcio Amaral, foi impedido de se pronunciar por decisão da maioria dos conselheiros presentes à última reunião do Colegiado.

Sintufjr – O coordenador de Comunicação Sindical do Sindicato, Francisco Carlos, declarou que não existiu tentativa do movimento para impedir a sessão de 5 de setembro, e o que houve foi uma reação natural de revolta. E deu um recado aos conselheiros: “O Sintufjr se solidariza com todas as pessoas que se manifestaram e informa



Foto: Renan Silva

CONSUNI, tranquilo, delibera, em favor da comunidade universitária. A próxima reunião do colegiado sobre a Ebserh é no CT

que não vai se calar, pois a universidade não pode se dobrar diante da tentativa de quebra da autonomia universitária”.

O dirigente destacou a importância da autonomia e deu como exemplo o episódio do adicional de plantão hospitalar (APH) no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) como problema que a Ebserh pode causar na universidade: “A Ebserh se instalou no IPPMG e tentou não pagar o APH, mas os companheiros do IPPMG e o Sindicato se mobilizaram contra isso. Se hoje a Ebserh já faz isso, imagina institucionalizada na universidade! Então temos que repudiar a empresa e saber que estamos lutando contra um inimigo comum”.

Francisco Carlos chamou à reflexão os conselheiros, defendeu o projeto alternativo proposto pelas entidades e disse que é preciso coragem para resolver a questão da Ebserh. “Nós temos condições de resolver e vamos ter essa grandeza. Senhor reitor e senhores conselheiros, está na hora de mostrarmos que somos maiores que qualquer proposta externa”, finalizou o sindicalista.

Adufrj – O presidente da entidade, Mauro Iasi, defendeu o direito de representação e manifestação da comunidade universitária. Ele alertou que não será restringindo a participação da comunidade que se resolverá as divergências sobre a Ebserh, e chamou a atenção para a postura que deve ter o Consuni e o reitor.

“Já demonstramos que não

aceitamos decisões secretas. Qual será o próximo passo? Chamar a Polícia Militar? Esse Conselho se legitimará na medida em que responda aos anseios da comunidade universitária. O Conselho e a universidade estão divididos. E o que se exige desse Conselho, e principalmente do presidente da sessão, é a grandeza de mediar esse conflito”, disse ele.

Depois de tentativas de golpe do reitor, manobras e agressões da tropa de choque pró-Ebserh, as entidades garantem a participação da comunidade universitária na discussão que definirá qual o modelo de gestão a UFRJ deve adotar para os HUs

Ele defendeu a proposta das entidades, e como argumento resgatou a história da tradição democrática da UFRJ. “Essa universidade não se curvou à ditadura e está prestes a se curvar à ditadura do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão”. Segundo Iasi, a maneira de tratar o conflito é res-

peitando o estatuto e o regimento. “O debate é para ganhar ou perder, mas o nosso direito é de defesa e de reação contra aqueles que se utilizam da pressão do governo e dos cargos que ocupam para chantagear a universidade e impor uma proposta leonina”.

DCE – O representante do DCE Mário Prata, Pedro Paiva, rechaçou a versão veiculada de que um grupo de “badermeiros” invadiu a sala do Consuni. “A ação da comunidade foi a única forma que tivemos de protesto. Quando a Reitoria rasga o estatuto não é vandalismo, mas quando os estudantes vêm aqui defender a autonomia, não pode. Como nas ruas, o povo não acata os atos de autoritarismo do governo aqui não será diferente”.

O bom senso prevaleceu

A tentativa de limitar a participação da comunidade universitária não logrou êxito. A justificativa apresentada por alguns conselheiros foi a de que houve agressão à integridade física de seus integrantes na sessão de 5 de setembro. Os conselheiros Roberto Medronho e Walter Suemitsu propuseram que o acesso às sessões fosse limitado a 25 pessoas. Eles são ferrenhos defensores da Ebserh. O primeiro é decano substituto do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e o segundo, decano do Centro de Tecnologia. Os dois participaram dos incidentes da sessão anterior e foram filmados agindo agressivamente contra os manifestantes, entre os quais muitos estudantes.

O conselheiro Roberto Leher,

representante dos titulares do Centro de Filosofia e Ciências Sociais, se contrapôs sugerindo a realização de sessões sobre questões polêmicas em local mais amplo.

Na avaliação da conselheira Diana Maul, representante dos professores adjuntos do CCS, o clima a que se chegou no Consuni não é de agora e deriva também da forma como vêm sendo conduzidas as sessões. Para ela, a última não foi um divisor de águas, pois várias vezes se chegou a situações-limite, na UFRJ, assim como ocorre em outras universidades.

“A beligerância não é unilateral, e esse processo da Ebserh vem sendo conduzido há bastante tempo e de forma errada, que não constrói e divide”. Para ilustrar, a professora lembrou um episódio ocorrido dia 5. “Na sessão passada a manifestação do pró-reitor Gambine (de Pessoal) foi acompanhada o tempo todo por conselheiros com sinais de corte no pescoço. Isso não pode acontecer. Todos os que estão aqui sentados têm liberdade para dizer e defender suas ideias”, frisou.

Punição – A postura do decano do CT, Walter Suemitsu, na sessão passada teve consequência. O conselheiro Angelo Cister, representante dos adjuntos do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), solicitou abertura de processo administrativo disciplinar contra o decano.

O debate envolveu 31 conselheiros, e o bom nível das discussões foi elogiado até por Carlos Levi, que, ao final, encaminhou proposta para que a próxima sessão do colegiado seja realizada no auditório do CT.

A SERVIÇO DA CATEGORIA

FASUBRA CUT

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ



Todos ao Consuni! Fora oportunistas!

Todos os olhares se voltam esta semana para a UFRJ, quando o Conselho Universitário decidirá sobre o modelo de gestão dos HUs. Estão em jogo a autonomia universitária, o Sistema Único de Saúde, a formação com qualidade dos profissionais da área e a pesquisa.

É quinta-feira, dia 26, com início às 9h, no auditório do CT, Cidade Universitária.

Os técnicos-administrativos, professores e estudantes com consciência não faltarão a esta sessão do Consuni. A plenária nacional da Fasubra deliberou pela convocação da categoria, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros estados, para estarem presentes, fortalecendo a mobilização no Fundão contra a Ebserh. **A universidade pública é patrimônio do povo!**

Páginas 3, 4 e 5

A decisão está nas mãos do Consuni da UFRJ

Quem ganhará? A universidade autônoma, a população com a assistência de qualidade, o ensino e a pesquisa ou a saúde transformada em mercadoria destinada ao lucro?

Todas as atenções se voltam para a UFRJ nesta semana, quando estará em pauta na sessão do Conselho Universitário (Consuni), quinta-feira, dia 26, a decisão sobre a contratação ou não da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) para gerir quatro dos nove hospitais da UFRJ, que são: HUCFF, IPPMG, Maternidade-Escola e IPUB. O momento é especial, tanto é que a sessão será no auditório do Centro de Tecnologia para melhor acomodar todos os que desejarem assisti-la.

A expectativa sobre a posição da maior universidade federal do país sobre o tema é grande, pois o resultado pode ser a senha para pôr por terra a tentativa do governo de privatizar os hospitais de ensino. Até agora, desde a criação da Ebserh com a Lei nº 12.550, de 15 de dezembro de 2011, apenas 11 das 43 universidades federais que têm hospitais universitários aderiram à empresa. No Rio de Janeiro nenhuma. O que demonstra a forte resistência do movimento em defesa da autonomia dessas instituições.

UFRJ tem peso nacional

“O Brasil inteiro está de olho neste Consuni, tanto que a direção da Fasubra está se mobilizando para trazer companheiros de vários sindicatos do país”, informa o coordenador-geral do Sintufjr e dirigente da Fasubra, Francisco de Assis. Ele faz um chamamento à participação de todos:

“Conclamo toda a comunidade universitária para ir a esta sessão. Precisamos usar o peso da UFRJ para defender até no Congresso Nacional alternativa para nossos HUs que não seja a que está sendo imposta pelo governo”. E alerta, especialmente à categoria: “A Ebserh não afetará apenas os trabalhadores dos HUs, mas todos os trabalhadores da universidade, porque será a ponta de lança para o fim do RJU”.

O momento exige grandeza

Outro dirigente do Sintufjr que tem acompanhado passo a

passo a luta contra a Ebserh na universidade, o coordenador de Comunicação Sindical Francisco Carlos, acredita que o Conselho Universitário terá “a grandeza de dizer não a uma proposta que amesquinha toda a sua história acadêmica, política e social”. Para ele, que integrou a gestão do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) entre 1986 e 1989, o problema é de gestão e pode ser resolvido pela universidade sem a necessidade de nenhuma ajuda externa, pois conta com profissionais com competência para isso.

“É uma questão de gestão. Para bons diagnósticos, temos os nossos profissionais, que são os melhores. As alternativas foram apresentadas, e esta é a hora de provarmos nossa tradição de vanguarda e mostrarmos que somos maiores do que uma empresa e fruto de uma proposta governamental contrária à natureza desta instituição”, afirmou Francisco Carlos.

O que está em pauta

Estarão em pauta na sessão do dia 26 de setembro os pareceres das três comissões do Consuni (Ensino e Títulos, Legislação e Normas e Desenvolvimento) sobre as três propostas apresentadas: da Reitoria, que indica a contratação da Ebserh; das entidades sindicais Sintufjr e Adufrj e do DCE Mário Prata, que propõem alternativa à Ebserh; e a da Fasubra, que propõe um regimento geral para os hospitais universitários, hospitais-escola e centros de saúde. Também deverá ser discutida a indicação de realização de sessão especial para deliberar sobre a Ebserh – esta exige presença de 2/3 dos conselheiros – proposta no parecer da Comissão de Legislação e Normas.

O que está em jogo?

1 - O caráter público dos HUs e a sua característica nata de instituição de ensino vinculada à universidade.

2 - A autonomia universitária garantida no artigo 207 da Constituição.

3 - Os bens públicos da UFRJ, isto é, da União, ao transferi-los a uma empresa.

4 - A independência das pesquisas realizadas no âmbito dos HUs.

5 - A flexibilização dos vínculos de trabalho acabando com o RJU e com os concursos públicos.

6 - A carreira e a unidade de classe dos servidores.

7 - A universalidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

8 - Os serviços assistenciais prestados pelos hospitais-escola à população usuária.



Imagens das últimas sessões do Consuni



SOS HUs

Está na hora do não à Ebserh!

Fotos: Renan Silva



FRANCISCO de Assis



FRANCISCO Carlos



REUNIÃO do Consuni no dia 22 de agosto

Muitos trabalhadores da universidade, alguns com cerca de 30 anos de UFRJ, também estão à frente da batalha contra a imposição da Ebserh na UFRJ. Eles ressaltam que todos perderão com a empresa. Dentre os depoimentos dados, destacamos o de Romildo Antunes, do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), o da assistente administrativa do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), Nilza da Silva, e o do auxiliar de laboratório Marcílio Alves, do Instituto de Química.

Nilza da Silva trabalha no IPPMG há 30 anos. Com o conhecimento de quem já viu muita coisa, ela diz que as manobras para viabilizar a Ebserh são vergonhosas. “Fecham CTI, fecham emergência para dizer que os hospitais estão completamente sem condições de funcionamento. É uma vergonha a universidade chegar a esse ponto”, constata.

Aos trabalhadores, Nilza pede para abrirem os olhos: “Serão demitidos com a Ebserh os prestadores que não servirem e os estatutários julgados velhos para os padrões da empresa. Eu, por exemplo, vou ser posta de lado. Eles só veem o dinheiro, mais nada”. Com a promessa de que irá à próxima sessão caracterizada, ela dá o seu recado: “Temos de exercer o livre-arbítrio e dizer não. Lá no IPPMG estamos sabendo dizer Não!”.



NILZA da Silva

O auxiliar de laboratório Marcílio Alves trabalha no Instituto de Química há 27 anos. Ele diz que não precisa trabalhar em um dos HUs da UFRJ para se preocupar com o destino da universidade diante da possibilidade de contratação de uma empresa para geri-los. E lamenta que haja ainda companheiros, principalmente dos HUs, muito confusos com a situação. E afirma que continuará defendendo o melhor para a instituição.

“O pessoal tem que saber que a Ebserh é a porta de entrada da privatização na universidade. De-

pois dos hospitais será a vez dos institutos e de outras unidades. Então vamos para a luta defender o que é gratuito e de qualidade, que é a nossa educação. Eu convido todos a encarar essa batalha, pois estaremos defendendo o que é melhor para a nossa universidade”, disse Marcílio.



MARCÍLIO Alves

Para Romildo Antunes, caberia ao Ministério Público e à Polícia Federal tomar as devidas providências diante da má gestão dos HUs. “Auditorias foram feitas e não resultaram em ações efetivas”, afirma Romildo, que trabalha no HUCFF há 25 anos. Ele é taxativo sobre o impacto da Ebserh para os trabalhadores: “Todos perderão. É uma perda total. Você perde o foco, perde no trabalho, perde na carreira”.

Na opinião do servidor a direção do HU quer é se livrar do problema que ela própria ajudou a piorar. “Esse diretor foi o pior dos últimos 35 anos, e não sou eu quem está falando. E a Ebserh tiraria os problemas do foco”. Ele parabeniza os estudantes pela garra na luta contra a Ebserh. “Eles engrandecem essa luta e têm sido fundamentais com todo seu dinamismo, perseverança e com amor-próprio. Até muitos funcionários não têm demonstrado o amor por essa casa como os alunos têm demonstrado. Por isso, conclamo os funcionários a irem ao Consuni, porque todos vão perder”.



ROMILDO Antunes

A força estudantil

Os estudantes têm sido a grande força nesta batalha que vem sendo travada conjuntamente pelo SintufRJ, Adufrj e DCE Mário Prata. Eles sabem que a qualidade da formação dos profissionais da área de saúde pode sofrer um grande revés com a gestão dos HUs a cargo da Ebserh. Mas não é só isso que os leva a somar nesta luta contra essa empresa. Para eles a defesa da autonomia universitária é fundamental.

A diretora de Saúde do Diretório Central dos Estudantes Mário Prata, a estudante de enfermagem Gabriela Celestino, diz que com a Ebserh perdem a universidade, a população e os estudantes. Primeiro, pela perda da autonomia; segundo, pelo viés da privatização; e terceiro, pelo comprometimento com a qualidade do ensino e da prática para os estudantes da área.

“Começaram com os hospitais não universitários através das Organizações Sociais de Saúde (OSS), em São Paulo. Ter a Ebserh gerindo nossos HUs é perder espaço profissional para nosso desenvolvimento e nosso conhecimento. O hospital universitário realiza saúde assistencial e é campo de trabalho para os estudantes e para pesquisas, tudo decidido na universidade. Se a Ebserh entrar na UFRJ, significa perder essa autonomia e o espaço em comum definido no Complexo Hospitalar”, alerta Gabriela.

A estudante explica que há no HUCFF uma pressão de médicos e dirigentes sobre os alunos, mas a mobilização estudantil tem desmistificado a propaganda pró-Ebserh. “Fizemos um plebiscito no final de agosto com os estudantes da Faculdade de Medicina e 75% se colocaram contra a Ebserh”, disse a líder estudantil.



GABRIELA Celestino